

NATASHA ALHADEF MATEUS

YURI ALHADEF MATEUS

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

A HISTÓRIA DE UM CISMA ENTRE OS BATISTAS BRASILEIROS



Rosalee Appleby



José Rego



Enéas Tognini





NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

Graduada em Música pela UEMA. Licenciada em História pela UEMA (2015). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF)(2017). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Teologia Hokemah (Fateh)(2017). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Hokemah (Fateh)(2015). Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas (PPGHEN) da UEMA (2018) e Doutoranda em História PPGHIS-UFMA. E-mail: natasha_alhadeff@hotmail.com.



YURI GIVAGO ALHADEF SAMPAIO MATEUS

Licenciado em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)(2015). Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF)(2017). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Teologia Hokemah (Fateh)(2017). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Hokemah (Fateh)(2015). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas (PPGHEN) da UEMA (2018). Doutor em História PPGHIS-UFMA (2023). E-mail: yuri_alhadeff@hotmail.com.



Projeto Renovados

Uma missão a serviço do povo da renovação

Renovação Espiritual: a história de isma entre os batistas brasileiros.

Direitos autorais © 2023 YuriAlhadef

Publicado pelo Projeto Renovados (www.projutorenovados.com.br), com permissão do autor, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Direção:

Hebert Borges

Conselho Editorial:

Gilberto Cipriano

Hugo Souza

Luiz Adolfo

Thalysson Pereira

Tiago Aécio

Revisão:

Colaboradores Projeto Renovados

Dedicamos esse trabalho a nossa mãe, Niedja Alhadeif, a nossa irmã, Anna Sarah, e aos amigos, em especial a todos que contribuíram para o nosso crescimento como ser humano.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALBAMA	Aliança Batista Missionária da Amazônia
AME	Ação Missionária Evangélica
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBN	Convenção Batista Nacional
CENTROAM	Centro de Treinamentos de Obreiros para Amazônia
CONJUBAN	Congresso da Juventude Batista Nacional
IBL	Igreja Batista da Lagoinha
JAMI	Junta Administrativa de Missões
JAPER	Junta Administrativa de Publicação e Educação Religiosa
LERBAN	Livraria Editora Renovação Batista Nacional
MRE	Movimento de Renovação Espiritual
ORMIBAN	Ordem de Ministros Batistas Nacionais
STBSB	Seminário Batista do Sul do Brasil
STEB	Seminário Teológico Evangélico do Brasil
UEFBN	União Evangelizadora Feminina Batista Nacional

CONTEÚDO

Lista de Abreviaturas	5
Introdução	7
A Origem da Convenção Batista Brasileira	10
O Tripé do Renovação Espiritual	14
Rosalee Mills Appleby (1895-1991)	15
José Rego do Nascimento (1921-2016)	18
Enéas Tognini (1914-2015)	21
Renovação Espiritual entre os Batistas	
do Brasil na Década de 1960	25
Igreja Batista na Lagoinha (IBL)	27
A Criação da Ação Missionária Evangélica	28
O Surgimento na Convenção Batista Nacional	29
Reaproximação da CBB e CBN	32
Conclusão	35
Referências	37
Anexos	40

INTRODUÇÃO

A história dos Batistas no Brasil é marcada por diversos acontecimentos, dentre os quais se encontra a chamada divisão histórica ocorrida em janeiro de 1965, durante a Assembleia da Convenção Batista Brasileira (CBB), no templo da Primeira Igreja Batista em Niterói-RJ. Dentre os anos de 1965 e 1966, já haviam sido expulsas cinquenta e duas Igrejas da lista da CBB por aderirem ao Movimento de Renovação Espiritual (MRE), ou seja, por se envolverem com as discussões relacionadas a doutrina do Espírito Santo, dons de línguas, profecias, curas e milagres. A Convenção Batista Nacional (CBN) surgiu nesse contexto de desligamento de igrejas da CBB. É importante mencionar que essa divisão gerou grandes sequelas e frustrações, contudo, contribuiu para a propagação do protestantismo no Brasil.

Perante o exposto, emerge uma questão: a falta de conhecimento histórico por parte dos membros das Igrejas Batistas sobre esse evento. E a partir desse desafio, este texto visa fazer uma reflexão sobre a Renovação Espiritual, a qual teve como base a leitura de alguns versículos bíblicos, a saber: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, ATOS, 2:4).

Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, ficaram estupefatos aos ver que também sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo, pois ouviam-nos falar línguas e engradecer a Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, ATOS, 10:44-46).

Em face dessa realidade, pretendemos refletir sobre a Renovação Espiritual entre os Batistas do Brasil na década de 1960, dada a importância desse evento histórico para a construção de uma nova identidade entre dos batistas brasileiros.

Para isso, recorreremos aos seguintes autores: Crabtree (1962), Pereira (1979), Tognini; Almeida (2007), Silva (2011), Ramos Neto (2012), Araújo (2013), Silva (2012, 2015), Xavier (2016), Oliveira (2017), os quais trazem em suas obras diversas interpretações sobre o MRE, bem como os motivos que levaram o movimento a eclodir no seio dos Batistas na década de 1960 no Brasil.

Compreede-se também a relevância deste texto quando se percebe a importância que teve o MRE na década de 1960 para os cristãos protestantes do Brasil. Desse modo, é imprescindível que o cristão apreenda noções desse contexto para refletir sobre esses processos históricos que estiveram na base de sua formação para que, enquanto servo de Deus, possa desenvolver um papel ativo e consciente daquilo que professa, bem como valorizar a pluralidade étnica e cultural que constitui a formação social do Protestantismo Brasileiro.

Para perserguir esse objetivo, bucaremos iniciar destacando a origem da CBB e o chamado Tripé do MRE, Appleby, Nascimento e Tognini, que são considerados os principais responsáveis por esse movimento. Apresentaremos também uma breve alusão à Renovação Espiritual entre os Batistas do Brasil na década de 1960, apontando nesse processo a perseguição a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), a criação da Ação Mis-

sionária Evangélica (AME) e o surgimento da CBN, juntamente com os órgãos que surgiram com essa nova convenção. Finalmente, falaremos sobre o processo de reaproximação entre os batistas no ano de 2000, isto é, da CBB e CBN.

Esperamos que este texto possa atingir o seu principal objetivo: abençoar de algum modo a vida daqueles que se interessam pela história do povo de Deus.

Capítulo I

A ORIGEM DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Segundo Ramos Neto (2012), em 1871, vieram os primeiros Batistas para o Brasil, refugiados da derrota na Guerra de Secessão (1861-1865), e formaram, nesse mesmo ano, uma igreja na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, em São Paulo. Com a vinda de missionários enviados pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, guiados pela Doutrina do Destino Manifesto, o movimento batista brasileiro foi efetivamente implantado e veio a florescer.

[...] Em 1882, com apoio da igreja do interior de São Paulo, os missionários organizaram uma igreja em Salvador. Vinte e cinco anos depois, em 1907, também em Salvador, com representantes de 39 igrejas, os batistas organizaram a Convenção Batista Brasileira. Um dos principais nomes que trabalharam para a primeira reunião de igrejas batistas brasileiras que resultaria na sua convenção foi o de Salomão Luiz Ginzburg (1867-1927). Em 1891 ele criou o Cantor Cristão, uma coletânea de hinos que até hoje é o principal hinário dos batistas no Brasil (RAMOS NETO, 2012, p. 74).

Para os autores Enéas Tognini e Silas Leite de Almeida, como se observa na obra intitulada “História dos Batistas Nacionais”, os batistas americanos começaram a enviar missionários para o Brasil antes de 1871. “O primeiro deles foi Thomas Jefferson Bowen, em 1860, que por problemas de saúde, demorou pouco”, no Brasil. E a “primeira Igreja

Batista inaugurada em solo brasileiro, foi em língua inglesa, para servir à colônia de americanos estabelecidos em Santa Bárbara – próximo de Campinas, São Paulo, em 10 de setembro de 1871” (TOGNINI, ALMEIDA, 2007, p. 20).

De acordo com o José Reis dos Pereira (1979), no livro “Breve História dos Batistas”, e no próprio site da CBB, a Primeira Igreja Batista da Bahia e Primeira Igreja Batista Brasileira foi organizada em 15 de outubro de 1882 por cinco membros fundadores, sendo esses, dois casais de missionários Batistas norte-americanos, Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, os pioneiros, e Zacharias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor, com a ajuda do ex-padre Antônio Texeira de Albuquerque, batizado em Santa Bárbara D’Oeste. Esses iniciaram seus trabalhos na cidade de Salvador, Bahia, que naquela época contava com uma população de 250.000 habitantes (BRASILEIRA, 2017).

[...] Muito insignificante parecia, à vista do povo da cidade, aquela humilde igreja a princípio. Mais de uma vez algum bom amigo do Sr. Taylor, que sabia apreciar o seu preparo o seu sacrifício, ficava com pena dele e perguntava porque gastava em vão a sua vida no esforço de pregar uma religião que o povo não queria aceitar. Mas os missionários não precisavam da pena de ninguém. Na certeza de que o povo carecia do evangelho, confiantes nas promessas de Deus e no poder do Espírito do Senhor, e cômicos de sua vocação divina, não tinham a mínima dúvida de que aquela pequena igreja era o princípio de um trabalho de tão vasta importância que ninguém senão o próprio Deus sabia avaliar (CRABTREE, 1962, p. 75).

Conforme Pereira (1979), esses missionários e seu companheiro brasileiro, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, esforçavam-se muito para transmitir a Boa-Nova, e pelos seus esforços muitas vidas foram abençoadas com a conversão. No entanto, existiram perseguições, dado nesse período, final do século XIX, vigorar no Brasil como forma de governo um Império, o qual previa, em sua Constituição, no artigo

5, o seguinte: “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (NOGUEIRA, 2015, p. 65). Desse modo, a Igreja Católica Romana era unida ao Estado e diversas vezes as autoridades, acolhendo as exigências de padres e frades, interviam nas atividades dos pregadores do evangelho¹.

Doutras vezes, justiça lhes seja feita, intervinham para impedir que o povo amotinado pelos padres linchasse os pregadores. Houve na Bahia um incidente que poderia ter sido muito grave com Bagby. Estava ele pregando, quando começou a ser apedrejado. Uma pedra pontiaguda feriu-o na testa e ele caiu desmaiado. O atentado não foi, entretanto, além disso, mas durante toda a sua vida Bagby conservou a cicatriz forte daquela terrível pedrada (PEREIRA, 1979, p. 91).

A CBB foi organizada em 1907, depois de vinte e cinco anos da criação da Primeira Igreja Batista Brasileira na cidade do Salvador. Nesse momento, já se contavam quatro mil batistas no Brasil. O primeiro presidente eleito da CBB foi Francisco Fulgêncio Soren, tendo a Teodoro Teixeira como seu secretário. Estiveram presentes nesse evento quarenta e cinco homens e mulheres dotados de grandes visões e acabaram tomando decisões importantes. Dentre elas, a criação de uma Junta de Missões Estrangeiras e a criação de uma Junta de Missões Nacionais. Essas Juntas tinham a finalidade de evangelizar países estrangeiros e os locais mais distantes do território nacional. Criaram também outras juntas, como a Casa Publicadora, entidade destinada a preparação de livros, opúsculos e folhetos, bem como responsável por publicar O Jornal Batista, importante órgão

¹ É importante destacar que a Constituição de 1988, a atual Carta Magna do Brasil, em seu artigo 5º, assegura que “VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício de cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;” (TÁCITO, 2015, p. 56-57).

informativo e doutrinário (PEREIRA, 1979). Segundo o missionário Crabtree (1962), O Jornal Batista foi o maior serviço que a Casa Publicadora prestou à causa Batista.

No site da CBB, encontram-se expostos a Missão, Visão e Valores dessa instituição. A primeira consiste em “Viabilizar a cooperação entre as Igrejas Batistas no cumprimento de sua missão como comunidade local”. A Visão da CBB, por sua vez, é “Ser uma instituição relevante às Igrejas Batistas, no cumprimento de sua missão de fazer discípulos de Cristo no Brasil e no mundo, que atua de maneira ágil e eficaz.” E seus Valores e Crenças são o Senhorio de Cristo, Valor do ser humano, Dignidade e autonomia do ser humano, Serviço Cristão, Transparência, Verdade, Respeito, Liderança Cristã, Proatividade e espírito empreendedor, Alegria, Responsabilidade, Democracia, Inovação e Criatividade, Unidade na diversidade, Diálogo, Integridade, Exercício da cidadania, Cooperação (BRASILEIRA, 2017, p. 01).

Capítulo II

O TRIPÉ DO RENOVAÇÃO ESPIRITUAL (MRE)

Na História dos Batistas do Brasil existiu um momento de desacordo em razão do desentendimento quanto à doutrina do Espírito Santo, o qual resultou na divisão ocorrida em janeiro de 1965 durante a Assembleia da Convenção Batista Brasileira (CBB) na Primeira Igreja Batista em Niterói-RJ. E entre os anos de 1965 e 1966, o número de igrejas excluídas do quadro da CBB em virtude do envolvimento dessas comunidades com o chamado Movimento de Renovação Espiritual (MRE) já somava cinquenta e dois (OLIVEIRA, 2017).

As igrejas excluídas da CBB acabaram criando a Convenção Batista Nacional (CBN) que, mesmo tendo origem num desacordo gerador de grandes frustrações, contribuíram para a propagação do Protestantismo no Brasil. O teólogo Jonas de Oliveira, em sua obra “O Futuro dos Batistas: diálogo, unidade, liderança e contextualização”, fez menção a essa realidade ao apontar que, a despeito dos problemas, a “mão de Deus e a sua graça estiveram presentes em ambas as denominações” posto “que neste século XXI, afloram alguns aspectos positivos nelas, imprimindo uma nova realidade dentro do contexto bíblico, servindo de estímulo à abertura de um diálogo crescente para muitas igrejas evangélicas no contexto brasileiro”

(OLIVEIRA, 2017, p. 19). E, como dito, na gênese desse processo, figurou dentre os seus principais líderes, a missionária Rosalee Appleby e os pastores José Rego do Nascimento e Enéas Tognini.

ROSALEE MILLS APPLEBY (1895-1991)



Fonte: (Projeto Renovados).

A missionária Rosalee Mills Appleby nasceu em 1895, nos Estados Unidos da América. Teve uma formação intelectual e religiosa influenciada pela cultura conservadora e fundamentalista. E no Brasil ficou conhecida como a precursora do Movimento de Renovação Espiritual entre os Batistas. Em sua terra natal, ao participar de alguns congressos e assembleias de sua denominação, foi despertada para a obra missionária e, enquanto se preparava para a tal missão, o seu coração se voltou para o trabalho de evangelização do Brasil.

Após concluir a formação exigida, Rosalee apresentou-se como candidata à junta missionária, a qual aceitou seu pedido. É importante destacar que sua aceitação se deu quando seu país se encontrava em situação econômica instável — o contexto antecedente da Crise de 1929

— o que poderia não viabilizar o levantamento de recursos necessários ao seu sustento no Brasil (SILVA, 2017).

Não obstante essas dificuldades, como apontando, Rosalee foi aceita como missionária e, para Oliveira (2017), se notabilizou nesse trabalho, em meados do século XX, como uma grande avivalista e escritora de mão cheia; momento em que havia uma busca intensa por um despertar espiritual entre os batistas brasileiros.

[...] chamado grande avivamento ou despertar espiritual, uma busca constante, intensa e acelerada pelo fogo do Espírito Santo, através da segunda bênção que era para eles o batismo do Espírito Santo, com destaque ainda para curas, milagres e profecias, surgiram então, o que chamamos aqui do limiar da crise (OLIVEIRA, 2017, p. 19).

Ao chegar ao Brasil, antes dessa fase de efervescência avivalista, Appleby foi para o Rio de Janeiro, onde já existia uma base da junta de missões para os missionários americanos, e ali se dedicou ao aprendizado da língua portuguesa. A sua intenção, bem como a de seu marido, David Appleby, após esse período de preparo, era trabalhar mais para o interior do país.

No Rio de Janeiro, a missionária teve contato com os retiros espirituais da época do Carnaval [...] Rosalee considerou penoso o primeiro ano no Brasil, pois foi período de desaprendizado. Precisou vencer preconceitos e por abaixo os ares de superioridade. Necessitava aprender com o povo, conhecê-lo e saber de seus costumes (XAVIER, 2016, p. 36).

Assim, em 1924, vencida a fase de estudos, foram para o Estado de Minas Gerais. A vontade era permanecer em Belo Horizonte até que Rosalee, já grávida do primeiro filho, desse a luz para depois partirem para o interior do Estado. Contudo, com o falecimento do seu esposo, vítima de um mal súbito causado por uma úlcera, os planos de Rosalee foram modificados (SILVA, 2017).

A expectativa era que diante de circunstâncias tão desfavoráveis e adversas que ela prontamente retornasse aos Estados Unidos, sua pátria de origem. Mas a decisão de permanecer no Brasil reforçou sua convicção de que era Deus que a enviara e também aumentou sua credibilidade diante daqueles que a acompanhavam. Para o homem religioso elementos comuns da vida cotidiana se transformam em revelações do Sagrado. A morte do marido foi esse elemento que transformou a vida de D. Rosalee dando-lhe novo sentido de missão e de trabalho a ser realizado (SILVA, 2012, p. 61).

A história de vida da missionária Rosalee, dessa feita, passou a integrar uma “prática de visitação e aproximação das pessoas foram abrindo-lhe novas perspectivas de atuação. A literatura passou a ser um instrumento poderoso de comunicação em suas mãos. [De forma que] Onde não conseguia chegar, chegavam seus livros e folhetos”. E em seus livros e folhetos, o tema principal era o Avivamento; tema que ocupou seu tempo, suas pregações e seus escritos. “Avivamento e Renovação são sinônimos na sua literatura”. E esses folhetos se “transformaram em veículos da proposta do movimento de Renovação Espiritual no seio das igrejas batistas. [Dado que] O custo era baixo, o volume de leitura pequeno, o baixo peso ajudava no transporte e mobilidade desses panfletos” (SILVA, 2012, p. 61-62). E após essa sementeira retornou a sua pátria.

Dona Rosalee envelheceu. Os aproximados 30 anos na terra natal foram anos de tranquilidades. Teve problemas de saúde, mas o médico dizia que se dependesse do coração, ela chegaria a cem anos. Nos Estados Unidos, assistiu à formatura do pastor Achilles Barbosa Junior, no seminário. Ao ver as pessoas homenageadas receberem com tanta pompa os títulos de bacharelado, mestrado e doutorado, dona Rosalee voltou para a esposa do formando e perguntou: “Será que Deus está se agradando de tudo isso? Assim era a vida de simplicidade e a vontade da obreira de dar toda glória ao Senhor. Rosalee, já com forças decaídas, foi internada em uma casa de idosos, onde viveu alguns anos. Ali mesmo recebeu visitas de brasileiros que se inspiraram na sua história de vida. No dia 20 de maio de 1991, aos 96 anos de idade, Rosalee deixou

está Terra e foi habitar com o Senhor. Na sua sepultura está a inscrição: Rosalle Mills Appleby (1895-1991) Missinary to Brazil (1924-1960) (XAVIER, 2016, p. 36).

Antes dessa fase, Rosalee Appleby viu, ainda no Brasil, por sua influência, nascer o MRE e ter a frente desse movimento o pastor José Rego do Nascimento, um dos primeiros pastores batistas a aceitar o movimento renovado e por isso sofrer duras críticas.

JOSÉ REGO DO NASCIMENTO (1921-2016)



Fonte: (Projeto Renovados).

José Rego do Nascimento é estimado como o mensageiro do MRE. Esse pastor nasceu em 24 de dezembro de 1921, na cidade da Paraíba do Norte, atual Estado da Paraíba, mas depois foi morar no Rio de Janeiro. Para Xavier (2016, p. 59; 62), José Rego “estava destinado a ser um dos homens mais importantes na história dos batistas nacionais, do evangelho no Brasil e da Renovação Espiritual”, pois desde sua infância “demonstrava grande sensibilidade para as coisas espirituais. Aos quatorze anos de idade

[por exemplo] passou por uma experiência enriquecedora. Algo que lhe demonstra como Deus o conduzia pelo caminho do poder do espírito”.

José Rego se converteu e batizou-se aos quinze anos de idade, na Igreja Batista de Anchieta, quando morava em Olinda, subúrbio do Rio de Janeiro. Casou-se, nessa mesma igreja, com Joselina Mendes de Oliveira, quando tinha ainda vinte e dois anos e ela apenas dezenove.

Após seu casamento, ao sentir o chamado de Deus, se matriculou no Seminário Batista do Sul. E nesse ambiência, como observa Silva (2012, p. 65), Rego “destacou-se por ser uma figura carismática, com boa oratória e capaz de escrever com fluência. [O que, certamente, contribuiu para o desenvolvimento da] tarefa de divulgar o movimento [renovado] por todo o Brasil”. Cabendo ainda ressaltar que dos batistas, “ele é o primeiro pastor brasileiro a assumir uma posição clara e definida a favor do movimento de Renovação iniciado pela missionária americana Rosalee Appleby”.

Em 20 de setembro de 1955, Rego recebeu o batismo com o Espírito Santo, sendo essa, no entendimento renovado, uma experiência pessoal e de revestimento de poder para o testemunho. Isso aconteceu ao entrar em contato com o livro “Acerca dos Dons Espirituais” de Donald Gee, através do qual teve a consciência de que os dons não findaram na época dos apóstolos bíblicos, e a partir então passou a examinar essa temática com bastante cuidado nas Escrituras. A missionária Appleby, foi a sua principal influenciadora no MRE, enviando-lhe um folheto do grande evangelista batista norte-americano John Rice, o qual relatava a sua experiência de batismo no Espírito Santo (XAVIER, 2016).

João Leão assim relata a experiência de batismo de Rego:

[...] De repente se viu invadido por um fogo que lhe entrou pelo peito, produzindo uma dinamização tal que caiu sentado na cadeira. Ria, Ria e chorava ao mesmo tempo. Ouvia alguém à porta. A esposa ouvira o barulho e foi ver o que estava acontecendo. José rego abriu a

porta e ao vê-la, disse: - Lita, acabei de ter uma experiência com Deus fora do comum. Depois, quando quis andar quase não conseguia, pois parecia doer todos os ossos (XAVIER, 2016, p. 78).

Após o batismo no Espírito Santo, José Rego recebeu de Deus uma visão e passou a pregar em várias igrejas, ganhando cada vez mais notoriedade. Desse modo, ele se foi “pelos quatro cantos do País, atendendo os chamados de conferências nas igrejas, seminários, congressos e eventos outros”, que o levou a “pregar em igrejas de duas e até três cidades diferentes no decorrer da semana” (TOGNINI, ALMEIDA, 2007, p. 109).

Dado esse sucesso, Xavier (2016, p. 82-83) narra que “em 1958 o pastor [Rego] recebeu uma carta sobre uma igreja recém-formada em Belo Horizonte/MG a qual sentia que deveria ir pastoreá-la. Era a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), uma congregação então com 30 irmãos”. A posse de Rego na igreja ocorreu dia 15 de maio de 1958, subindo a sua quantidade de membros para trinta e quatro, dada a chegada do pastor e sua família.

Quando exercia o pastorado da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, o pastor Rego conseguiu um espaço em rádio local para um programa semanal chamado de Renovação Espiritual. Esse programa de rádio foi muito importante na divulgação do movimento. E também foi um meio de comunicação que trouxe evidência para o referido pastor (SILVA, 2012, p. 61).

No final da década de 1960, José Rego lançou a obra “Calvário e Pentecoste”, com uma tiragem de cinco mil exemplares. Contudo, mesmo o livro tendo sido uma bênção extraordinária e havendo um clamor no por novas edições, Rego não as autorizou (TOGNINI, ALMEIDA, 2007). Desse fato, no entanto, é possível inferir o impacto dessa obra no MRE, dada a quantidade expressiva de livros impressos nessa edição.

José Rego pastoreou a Igreja Batista da Lagoinha de 15 de maio a 31 de dezembro de 1965. Afastou-se por um ano por problemas de saúde e voltou a pastorado da mesma em 1968, por mais um ano [...]

Joselina, que sempre estivera ao lado do marido nas horas de dor, de sofrimento e também de grandes bênçãos, faleceu antes do pastor, mas foi ativa até o fim [...] José Rego do Nascimento, o instrumento de Deus para atear o fogo do avivamento em nossa Pátria viveu recluso depois de exercer 14 anos de ministério. Lutou contra enfermidades até idade avançada. Aos 94 anos foi chamado para estar com o Senhor, no dia 18 de janeiro de 2016 (XAVIER, 2016, p. 98; 101-102).

ENÉAS TOGNINI (1914-2015)



Fonte: : Fonte: (Projeto Renovados).

O próximo a ser influenciado pelo MRE foi Enéas Tognini. Nas palavras de Silas Leite de Almeida (TOGNINI, 2007, p. 109), “Enéas Tognini veio para o exército de Renovação; não como soldado, mas como o comandante que vai na frente da tropa. Para os momentos certos, o Senhor levanta as pessoas certas. Tognini não veio por acaso”.

E assim, a mensagem de Renovação Espiritual ia gerando resultados. A bandeira de uma renovação espiritual na Pátria brasileira percorria o País. Agora, não somente nas mãos erguidas de um só homem.

O Pastor Enéas Tognini, um dos líderes maiores dos batistas no Brasil, foi alcançado, quebrantado, e passou também a erguê-la com firmeza e bravura (TOGNINI, ALMEIDA, 2007, p. 109).

Nascido em 20 de abril de 1914 em Botucatu, interior de São Paulo, quando estava com dois anos, seus pais se mudaram para Campo Grande/MS. Sua família era católica e na adolescência foi um jovem sem Cristo. Entre 18 e 19 anos de idade, se converte ao Senhor. Essa conversão foi “verdadeira experiência com o Senhor Jesus. Quando isso ocorreu, sentiu alívio, paz no coração e gozo profundo na alma”. Batizou-se em 17 de setembro de 1933, na Igreja Batista de Campo Grande. Após esse processo, passou a exercer seu primeiro cargo na igreja: o de zelador (XAVIER, 2016, p. 104).

Trabalhou como auxiliar do missionário W. B. Sherwood na evangelização. Quando ciente que era vocacionado para o ministério, comunicou a Sherwood, que logo lhe deu uma igreja para dirigir, funcionando essa como um teste, pois logo foi mandado para o Seminário Batista do Sul do Brasil (STBSB), no Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1938, matriculou-se no curso de Bacharel em Teologia. É importante destacar que Tognini foi o único da turma a se formar, assim, recebeu o diploma no dia 31 de outubro de 1941. Nesse mesmo ano, em 20 de maio, foi consagrado ao ministério, na Igreja Batista Itacuruçá, solicitado pela Igreja Batista do Barro Preto, em Belo Horizonte. Casou-se com Nadir França Lessa e foi morar na Capital das Alterosas/MG, onde assumiu o pastorado da Igreja Batista do Barro Preto, onde permaneceu de 7 de dezembro de 1941 até 15 de novembro de 1946 (XAVIER, 2016).

Segundo Silva (2012, p. 68), “Enéas, diferentemente de Rego do Nascimento, já gozava de grande prestígio dentro da denominação batista antes de aderir ao movimento de Renovação Espiritual”. Ocupando posição privilegiada no meio Batista Brasileiro, mesmo que tenha luta-

do por ela e feito por merecê-la, Tognini a deixou, pois Deus lhe abateu e alterou o rumo de sua vida (TOGNINI, ALMEIDA, 2007). Isso porque, dada sua formação e convicção denominacional, de início, foi completamente contra o MRE. Inclusive, era um dos seus principais críticos. Contudo, mesmo com essa posição radical, se transformou posteriormente em seu principal defensor e divulgador.

O acontecimento que originou essa transformação foi a experiência com o Espírito Santo. Experiência que o MRE denominava de Batismo com o Espírito Santo ou segunda bênção (SILVA, 2016). O pastor Tognini relatou como se deu a sua experiência, a saber:

Sempre cri, a respeito do batismo no Espírito Santo, como a corrente tradicional: que quando a pessoa se converte, já é batizada com o Espírito Santo. Mas, a realidade bíblica e experimental é outra. É para o crente; portanto, para o que já tem cristo no Coração e possui o Espírito Santo. Mas, é experiência distinta do novo nascimento ou regeneração. Uma coisa é ter o Espírito Santo, e outra, completamente diferente, é estar cheio do Espírito Santo [...] Agora, segue a minha experiência de batismo com o Espírito Santo: [...] Minha conversão foi real. Nasci de novo, nasci do Espírito Santo. Logo, senti-me chamado para o ministério. Fiz meu curso de bacharel em teologia no Seminário Batista do Rio. Somente em 1958, fui batizado com o Espírito Santo. E minha experiência foi assim: Não acreditava em avivamento e muito menos nos avivalistas. Combatia-os sem dó nem piedade. Tenho, nos meus arquivos, montes de trabalhos escritos contra a obra profunda do Espírito Santo. Nunca perdi tempo para estudar na Bíblia palpitante assunto: Batismo no Espírito Santo. Não sabia o que era e nenhum interesse tinha de saber. [...] Era o dia 16 de Agosto de 1958 [...] Era um Sábado. Levantei-me às cinco da manhã e entrei no meu escritório da casa pastoral. Orei cerca de uma hora e meia e o céu parecia de bronze. Deus estava em silêncio [...] E, quando nessa aflição, ouvi a voz de Deus, tão perfeita, como a de qualquer mortal, que me dizia num tom profundamente imperativo: Entrega. Ao ouvi-la, não tive dúvida nenhuma de que era a voz de Deus [...] veio sobre mim, um poder tal,

como nunca experimentara em minha vida. Um gozo profundo no meu coração! Uma paz maravilhosa, banhei com lágrimas a minha mesa de estudos. Fui revestido de poder do alto [...] Aqui uma de duas conclusões se impõem: ou estou louco, ou Deus falou comigo. São mais de nove anos o que aconteceu comigo; e parece que louco não escreve livros [...] Deus falou comigo como falou a Pedro e João, Wesley e Moody. (TOGNINI, ALMEIDA, 2007, p. 115-118).

Ao completar 100 anos, no ano de 2014, o pastor Enéas recebeu homenagens de múltiplas maneiras, de distintos grupos e pessoas. “No final do mesmo, o pastor se submeteu a uma cirurgia do intestino para a retirada de um tumor”. Voltou para casa, mas não se recuperou. E no dia 9 de setembro de 2015 foi levado pelos anjos para receber o seu galardão” (XAVIER, 2016, p. 144).

A vida do pastor Enéas tomou outro rumo a partir [...] da experiência [do Batismo com Espírito Santo]. Seus posicionamentos em relação ao Espírito Santo e a postura da denominação colocam-no a frente do movimento de Renovação Espiritual. Ao lado de D. Rosalee e José Rego do Nascimento, Enéas Tognini se transforma no maior divulgador do movimento de Renovação Espiritual no Brasil. O tema principal de sua mensagem é a pessoa do Espírito Santo com ênfase na segunda bênção ou Batismo com o Espírito Santo (SILVA, 2012, p. 70).

Capítulo III

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL NA DÉCADA DE 1960

O CISMA ENTRE OS BATISTAS NO BRASIL

O movimento de Renovação Espiritual surge dentro do grupo religioso batista com uma proposta de renovar que na verdade seria retornar às bases originais da religião cristã. Na proposta de um retorno está implícita a ideia de um desvio. Ou seja, na mente e na mensagem dos propagadores da renovação o grupo havia se desviado e mergulhado no indiferentismo religioso. Nesse caso, seria necessário um processo de despertamento e restauração (SILVA, 2012, p. 87).

O motivo que gerou o processo de divisão na CBB e que resultou na criação da CBN, a princípio foi muito desgastante e frustrante, pois as manifestações do Espírito Santo que aconteciam nas igrejas e nos encontros de oração foram consideradas de modo antagônicos “chegando à radicalidade por parte de alguns e culminando com a expulsão da Igreja Batista da Lagoinha durante na Assembleia da Convenção Batista Mineira em 1961” (SILVA, 2011, p. 73).

Jonas de Oliveira (2017) chama atenção para a reação conservadora dos Batistas da CBB a medida que observa que ventos ultraconservadores, de influência do Sul dos Estados Unidos, de onde vieram os primeiros missionários que trouxeram os hinos do cantor cristão e a pregação de

um evangelho puro e de primeira grandeza, sopravam sobre a denominação. E esse conservadorismo se viu ameaçado pelo MRE, que mesmo parecendo não dar em nada, porque contava com dois ou três líderes apenas que se levantavam no Brasil Batista, agitava a bandeira do avivamento. Mas “Bandeira é símbolo de algo importante, significativo; fruto de uma visão, de um ideal maior. Visão que é proclamada em mensagem contundente, persuasiva; e, por isso mesmo, causa impacto, produz efeito na vida das pessoas” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 107).

Oliveira (2017, p. 60) denomina de “estopim da crise da renovação carismática” o embate doutrinário, litúrgico e teológico que suscitava outras questões internas na CBB, como a rivalidade política, a disputa por maior liderança e poder político na convenção, problemas até mais fundamentais do que o carismatismo. Esse estopim, associado “ao problema dos dons do Espírito Santo, de línguas, curas, profecias e milagres”, tinha a sua frente o “tripé renovacionista ou trindade carismática entre os Batistas”, os já mencionados Rosalee, José Rego e Tognini.

O movimento de Renovação adota o Batismo no Espírito Santo como experiência religiosa possível de acontecer na atualidade. O Batismo no Espírito Santo era considerado como uma segunda bênção depois da experiência da conversão. Uma proposta que era inadmissível para os batistas de um modo geral (SILVA, 2012, p. 126).

Desse modo, as discussões e debates doutrinários foram levados para as Assembleias da CBB. E o início desse processo ocorreu “por volta de 1958, quando o pastor José Rego do Nascimento lançou as sementes do avivamento numa vigília no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Observa-se, contudo, que a separação de fato só veio a se concretizar em 1965, na Assembleia da CBB em Niterói-RJ, Rio de Janeiro” (OLIVEIRA, 2017, p. 61).

Na visão de Tognini (ALMEIDA, 2007, p. 79), o ano de 1960 foi

“agitado pelos ventos de Renovação Espiritual. O Espírito Santo trabalhava os corações e sacudia as igrejas do Senhor. Mas o diabo não dormiu nesse período. Formaram-se em Minas Gerais, os paladinos da oposição à obra do Espírito santo de Deus”.

Houve, assim, o que ficou denominado de rivalidade política na denominação em que a liderança digladiou-se nas assembleias convencionais em diferentes lugares do Brasil. Nesse contexto, elegeu-se a comissão dos treze com a missão de elaborar uma parecer quanto a questão do Batismo com Espírito Santo, a ser apresentado em Assembleia da CBB, para orientar os Batistas no trato com essa doutrina que estava dividindo a denominação (OLIVEIRA, 2017).

Com o parecer final da comissão dos treze, a decisão da CBB foi pela exclusão de 32 igrejas, grande parte no Estado de Minas Gerais. Na esteira da nacional, as estaduais tiveram o direito de eliminar do seu rol convencional as igrejas que aderiram ao MRE. Desse modo, até o final de 1965, seguindo esse critério, a quantidade de Igrejas “Renovadas” excluídas chegou a aproximadamente 52 (TOGNINI; ALMEIDA, 2007), situação, de acordo com Jonas Oliveira, que gerou danos aos grupos batistas envolvidos nessa divisão:

O que se denota com a divisão doutrinária da CBB e CBN é que infelizmente, houve perdas para ambas as denominações. A CBN já tinha 400 (quatrocentas) Igrejas arroladas e isso num período de 27 anos, um rápido e meteórico crescimento para uma denominação. Em 2001, conforme entrevista com pr. Enéas Tognini, a CBN chegara à casa dos 220.000 membros, cerca de 3.000 templos e uma editora (OLIVEIRA, 2017, p. 66).

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA (IBL)

As igrejas excluídas — expulsas, como enfaticamente diziam, foram-se unindo e formando convenções. A primeira, a se formar, foi a Convenção Batista do Estado de Minas Gerais, em 1961,

logo após a exclusão da Igreja Batista da Lagoinha, na Assembleia da Convenção Batista Mineira em Juiz de Fora (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 279).

A IBL foi criada em 20 de dezembro de 1957, em Belo Horizonte-MG, sendo um dos focos da divisão histórica de 1958-1965 entre os Batistas. Leva o nome do bairro onde foi fundada pelo pastor José Rego do Nascimento com cerca de cinquenta membros. Essa igreja foi incompreendida por aqueles que eram contrários ao MRE, sendo fechada pela chamada “Operação Cadeado”, ação na qual seus membros tradicionais retiraram seus móveis e mudaram os cadeados de acesso ao templo, privando assim a ala renovada de seu local de culto (OLIVEIRA, 2017). Atualmente a IBL é conhecida em quase todo o Brasil e até mesmo em alguns países, e foi pastoreada, desde 1972 até 2020, pelo pastor Márcio Valadão, quando esse foi substituído por seu filho, André Valadão.

É importante destacar que o pastor Jonas de Oliveira defende que a IBL produziu e reproduziu, principalmente através do Ministério de Louvor Diante do Trono, sob liderança de Ana Paula Valadão Bessa, que lançou outros expoentes da música evangélica como André e Mariana Valadão, um movimento que alcançou “dentro e fora dos batistas, um retrato de euforia, explosão de louvor e conquista de espaços para tal influência (OLIVEIRA, 2017, p. 77).

A CRIAÇÃO DA AÇÃO MISSIONÁRIA EVANGÉLICA

Em 1965, após a exclusão das 52 Igrejas que aderiram ao MRE, durante os chamados Encontros de Renovação, os líderes desse movimento decidiram se institucionalizar criando Ação Missionária Evangélica (AME). “Trocaram ideias sobre o rumo a dar às Igrejas renovadas. Foi então, que Artur Freire sugeriu, em termos no lugar de Convenção, uma ‘Ação Missionária’, cuja a sigla viria a ser AME” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 279).

A finalidade da AME era acolher essas 52 igrejas excluídas do rol de membros da CBB e também outros grupos evangélicos excluídos de suas denominações em decorrência do MRE, como metodistas, presbiterianos, presbiterianos independentes. Assim, percebe-se que essa associação não se destinava apenas aos “batistas”, mas a todos os evangélicos. Contudo, in loco havia aqueles que queriam uma AME Batista, enquanto outros pensavam em uma AME para todos os “renovados”. Finalmente, “Cada um – batistas e evangélicos – seguiu o seu caminho, até que o tempo revelou tudo (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 165). O pastor Eder José de Melo Silva (2011, p. 71) ressalta que “na ata de fundação da Convenção Batista Nacional estavam presentes apenas 21 das 52 que ajudaram a fundar a AME”.

[...] A AME foi uma ideia bem intencionada, mas impraticável. Durou pouco e foi substituída, dois anos depois, pela CBN. A criação da AME se deu, após a Assembleia Convencional de Niterói, em 1965; quando a Igreja Batista da Lagoinha e algumas de Estados diversos foram desligadas CBB (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 279).

O SURGIMENTO DA CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL

E nasceu para ficar. A primeira Assembleia ocorreu em setembro de 1967, na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte. O orador oficial desse evento foi o Pr. Dalson Pinto Teixeira, da Igreja Batista Central de Petrópolis; e a primeira diretoria eleita foi a seguinte: Pres. – Elias Brito Sobrinho, 1º vice – Joel Ferreira, 2º vice – Rosivaldo Araújo, 1º sec. – Nivaldo Ferreira da Silva, 2º sec. – Dalson Pinto Teixeira (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 282).

Em julho de 1967, um grupo de líderes se reuniram na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de melhorar os estatutos da AME. Foi acordado que deveria organizar uma Convenção. As igrejas não batistas se desligaram da AME e cada qual se organizou conforme suas características históricas. Não havia opção aos batistas, a não ser, percorrem o

seu próprio percurso, formando a Convenção Batista Nacional (TOGNINI; ALMEIDA, 2007).

A CBN foi concebida como uma ferramenta de trabalho para as igrejas reunir recursos, planejando e executando aquelas atividades que igrejas isoladas não podem realizar, como: “Seminário, revista de Escola Dominical, Revista de Treinamento, Jornal, Educação e Missões em seus múltiplos aspectos. Uma estrutura inteiramente nova, puramente servidora, deixando as igrejas absolutamente livres no Senhor” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 167).

O pastor Jesus Aparecido dos Santos Silva (2015) afirma que o passo mais importante e decisivo no processo de institucionalização do MRE, isto é, do surgimento da CBN, foi o trabalho para a criação de um corpo de especialistas capazes de manter e reproduzir os princípios da denominação. E para que isso fosse possível, foi criado o Seminário Teológico Evangélico do Brasil (STEB). Percebe-se, no entanto, que o nome Batista não aparece nessa sigla. Todavia, com a criação do STEB possibilitou a nova denominação gerir e expandir os seus negócios, pois novos pastores eram formados e direcionados dentro da estrutura denominacional, fazendo com que pouco a pouco a CBN fosse ganhando forma e se consolidando.

A partir da CBN surge a Aliança Batista Missionária da Amazônia (ALBAMA), pois os batistas nacionais ainda não estavam presentes na Amazônia. A exceção se deu ao pastor Argeu da Silva Bandeira que havia iniciado um trabalho em Manaus. Um grupo de líderes se juntaram para organizarem a ALBAMA entre 25 a 27 de janeiro de 1976. Tendo como presidente o pastor Rosivaldo de Araújo, em 26 de julho de 1976, ela passou a ser uma realidade, com sua primeira assembleia, que contou com a presença da Profa. Lúcia Almeida do Betel Brasileiro, o Darcy Guilherme Reis, Paulo Roberto de Itaquiara, Pr. Batalha de Manaus,

Pr. Euzimar de Manaus, Pr. Marivaldo França, Oséas Barbosa Lima do Maranhão e os demais obreiros do interior do Amazonas, entre eles, Élio Lemos e Isaías Gomes. Nas sessões seguintes da ALBAMA, surgiu também o Centro de Treinamentos de Obreiros para Amazônia (CENTROAM) (TOGNINI; ALMEIDA, 2007).

É importante também destacar o surgimento do “Hino Obra Santa”, do pastor Rosivaldo Araújo composto em 1965. Para Tognini (ALMEIDA, 2007, p. 197), “Obra Santa foi uma das mais decisivas e poderosas contribuições ao trabalho do Espírito Santo em nossa Pátria” (Ver a letra desse hino no ANEXO A). Em 1990, criou-se a União Evangelizadora Feminina Batista Nacional (UEFBN), que teve seu primeiro congresso em Belo Horizonte reunindo mais de três mil mulheres. Para se trabalhar com a mocidade, criou-se o Congresso da Juventude Batista Nacional (CONJUBAN), que teve seu primeiro congresso sob responsabilidade do Pastor Daniel Leite, entre 14 a 17 de julho de 1997, na cidade de Brasília-DF (TOGNINI; ALMEIDA, 2007).

No que concerne à literatura, criou-se em janeiro de 1995, a Junta Administrativa de Publicação e Educação (JAPER), responsável pela produção da literatura Batista Nacional. Logo depois a JAPER foi extinta, permanecendo apenas a Livraria Editora Renovação Batista Nacional (LERBAN), a qual continua até hoje. Para se trabalhar com missões, criou-se a Junta Administrativa de Missões (JAMI), em janeiro de 1995, que tinha por finalidade administrar a política de missão da CBN. Em 1970, foi criada a Ordem de Ministros Batistas Nacionais (ORMIBAN), esta tem caráter diferente, porque “visa, não somente a confraternização e companheirismo estimulante no ‘bom combate da fé’; mas, sobretudo, a constatação, análise e soluções de problemas naturais e extranaturais da jornada que lhe é comum” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 307).

Capítulo IV

REAPROXIMAÇÃO DA CBB E CBN



Pr. Nilson Fanini, Pr. Enéas Tognini e Pr. Fausto Vasconcelos.
Fonte: (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 243).

Durante 36 anos a CBB e CBN viveram separadas, mas em 2000, na Primeira Igreja Batista de Niterói, ocorreu o 1º Congresso Latino-Americano Batista de Adoração. O coração Batista se encontrou nesse importante congresso, no qual participaram representantes da Aliança Batista Mundial, alguns dos Estados Unidos, Canadá e toda a América latina, juntamente como os líderes da CBB e CBN no Brasil (TOGNINI; ALMEIDA, 2007).

Na tarde do segundo dia, após a palavra de Enéas Tognini e Fausto Vasconcelos, na Plataforma do Tempo na Primeira Igreja

Batista de Niterói, Nilson Fanini (Presidente da Aliança Batista Mundial), Fausto Vasconcelos (Presidente da Convenção Batista Brasileira) e Enéas Tognini (Presidente da Convenção Batista Nacional), que de mãos entrelaçadas choraram e adoraram a Deus no amor de Cristo, na comunhão fraterna para andar ombro a ombro, seja no passo de Esaú, ou no de Jacó (TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 243-244).

Segundo Oliveira (2017, p. 133), nasceu e partiu do pastor Enéas Tognini “em direção a CBB para que o passado fosse esquecido e voltassem a considerar como batistas, irmãos, irmanando-se como verdadeiros cristãos e votando a um diálogo crescente”. Para esse mesmo autor, o ministério de Louvor Diante do Trono da Ana Paula Valadão, André e Mariana Valadão também contribuíram para a aproximação e o diálogo entre a CBB e CBN e outras denominações, como Assembleias de Deus, Presbiterianas, Metodistas, Congregacionais, Pentecostais, Neopentecostais. E como consequência dessa chamada divisão histórica na CBB que resultou na CBN, o que gerou grandes sequelas, mas contribuiu para a propagação do protestantismo no Brasil.

Para finalizar, destaca-se o questionamento do pastor Rosivaldo de Araújo, na obra “Ninguém detém! É Obra Santa: uma análise da história do movimento de renovação espiritual no nordeste do Brasil e autobiografia”: se “Tivemos um avivamento na década de 1960, ou não?”, segundo Araújo (2013), os movimentos carismáticos que ocorreram no seio das igrejas tradicionais do Brasil derrubaram barreiras e removeram preconceitos, no que resultou em uma visão nova do Reino de Deus e do Corpo de Cristo, porque nenhuma doutrina bíblica é de posse de qualquer grupo, e nenhuma experiência está limitada a dada pessoa. O Espírito Santo não possui dono e os Seus dons são dados a cada um segundo o Seu querer.

O MRE surgiu para estabelecer a ponte entre os pentecostais e tradicionais, dinamizar igrejas e pastores e despertar diversas vidas, de maneira a aumentar a obra de Deus na terra. “Quando os tradicionais, por exemplo, viram alguns dos seus mais importantes líderes serem batizados com o Espírito Santo, perceberam que a obra do Espírito estava acontecendo e não era uma explosão de meras emoções: havia algo mais sério e profundo” (ARAÚJO, 2013, p. 280).

CONCLUSÃO

A separação acontecida entre os batistas brasileiros em meados do século passado envolvendo o Movimento de Renovação Espiritual, no qual os batistas tradicionais da CBB recusaram-se a aceitar as discussões ligadas à doutrina do Espírito Santo, profecias, dons de línguas, curas e milagres. Quanto a isso, é importante ressaltar que essas doutrinas ainda causam divergência entre a CBB e a CBN, mas desde o início do século XXI há um crescente diálogo e reaproximação entre essas duas convenções fazendo desaparecer parte dessas barreiras criadas no passado.

Constatou-se o surgimento da CBB, e o chamado Tripé do MRE, Appleby, Nascimento e Tognini, que foram reconhecidos como os principais responsáveis pela manifestação renovacionista no Brasil na década de 1960, que resultou na chamada divisão histórica, na qual os batistas da CBB não aceitaram nas manifestações referentes à doutrina do Batismo com Espírito Santo e seus derivados, levando ao desligamento de 52 igrejas que aderiram a essa manifestação, com destaque para IBL, que sofreu duras críticas por compactuar com o MRE, sendo palco da denominada “Operação Cadeado”. Abordou-se que essas 52 igrejas se reuniram e criaram a AME, logo em seguida, possibilitou o surgimento

da CBN. Mostrou-se que no ano 2000 houve uma reaproximação entre a CBB e a CBN. E como consequência dessa chamada divisão histórica, verificou-se que não gerou grandes sequelas, mas contribuiu para a propagação do Protestantismo no Brasil.

Desse modo, refletiu-se sobre a Renovação Espiritual entre os Batistas do Brasil na década de 1960, dada ao desconhecimento histórico dos membros das Igrejas Batistas acerca desses episódios, sabendo que esse momento histórico foi necessário para a construção de uma nova identidade dos batistas brasileiros. Relembrar essas questões, foi relevante, pois permitem observar os erros cometidos no passado para não cometê-los mais no presente e buscar um futuro de diálogos, com respeito e harmonia, como afirmam as escrituras: “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (BÍBLIA DE ESTUDO ANOTADA EXPANDIDA, SALMOS, 133:1).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, de Rosivaldo. Ninguém detém! É Obra Santa: uma análise da história do movimento de renovação espiritual no nordeste do Brasil e autobiografia. 1ª ed. Salvador/Brasília: coedição com Betel Brasileiro e LERBAN, 2013.

BÍBLIA. N. A. SALMOS. In: BÍBLIA. Português. A Bíblia de Estudo Anotada Expandida. Tradução de Charles C. Ryrie. São Paulo: Mundo Cristão/Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. p.596.

BÍBLIA. N. A. ATOS. In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p.1630.

BÍBLIA. N. A. ATOS. In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Tradução de Ney Brasil Pereira et al. São Paulo: PAULUS, 2015. p.1920-1921.

BRASILEIRA, Convenção Batista. Missão, Visão e Valores. 2017. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=20>. Acesso em: 25 set. 2017.

CBBa. Nossa História. 2017. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24>. Acesso em: 25 set. 2017.

CRABTREE, A. R. História dos Batistas do Brasil até 1906. 2ª ed. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1962.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica. A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas, Redação. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NOGUEIRA, Octaciano. Volume 1 – A Constituição de 1824. 3 ed. Brasília: Senado Federal, 2015.

OLIVEIRA, Jonas de. O Futuro dos Batistas: diálogo, unidade, liderança e contextualização. 1 ed. São Paulo: Vital Publicações, 2017.

PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

RAMOS NETO, João Oliveira. Introdução à História dos Batistas: conteúdo, reflexão e possibilidades teórico-metodológicas. Revista Pós-escrito, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.61-77, 2012. Disponível em: <[http://www.fabat.com.br/posescrito/pdf/revista06/06-NETO, Joao Oliveira Ramos.pdf](http://www.fabat.com.br/posescrito/pdf/revista06/06-NETO,JoaoOliveiraRamos.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, Eder José de Melo. A Convenção Batista Nacional e a dicotomia entre a modernidade e a pós-modernidade. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura. São Paulo. v.7, n. 35, p. 70-81, 2011. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/downloads/2011/06/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. Renovação Espiritual Entre os Batistas no Brasil: uma abordagem sociológica. Brasília: LERBAN, 2015.

SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. O Movimento de Renovação Espiritual no Brasil e a Cisão Entre os Batistas Brasileiros. 2012. 150 f. Dissert-

tação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia. 2012.

TÁCITO, Caio Volume 5 – A Constituição de 1988. 3 ed. Brasília: Senado Federal, 2015.

TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas Leite de. História dos Batistas Nacionais. Brasília: LERBAN, 2007.

VERGARA, Sylvia Constante. Projetos e Relatórios em Administração. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

XAVIER, João Leão dos Santos. Colunas da Renovação. 2 ed. Brasília: LERBAN, 2016.

ANEXOS

HINO

OBRA SANTA

Obra Santa do Espírito,
Esta causa é do Senhor,
Como vento impetuoso,
Como fogo abrasador;
Estamos sobre terra santa,
Reverência e muito amor,
Esta hora é decisiva!
Vigilância e destemor

Ninguém detém, é obra santa!
Ninguém detém, é obra santa!
Nem satã ou o mundo todo
Hão de apagar este ardor!
Ninguém detém, é obra santa!
Esta causa é do Senhor!

Em meu peito renovado,
Arde o fogo do Senhor;
É a bênção do Espírito

Nos enchendo de fervor;
E Jesus está salvando,
Apagando toda dor,
No Espírito batizando,
Pois da vida Ele é Senhor!

Eis o noivo vem chegando,
Trescalando suave odor!
Já se sente o perfume
Da unção do Salvador!
E a noiva ataviada
De pureza e esplendor,
Aguardando entrar nas bodas
Pra reinar com seu Senhor!

Ninguém detém, é obra santa!

Rosivaldo de Araújo

OBRA SANTA DO ESPÍRITO

LETRA E MÚSICA
ROSIVALDO DE ARAÚJO



1. O - bra san - ta do Es - pi - ri - to ___ es - ta cau - saé do Se - nhor ___
2. Em meu pei - to re - no - va - do ___ ar - deç fo - go do Se - nhor ___
3. Eis o noi - vo vem che - gan - do ___ e - xa - lam do sua - veç - mor ___



- 9
- Co - mo ven - to im - pe - tou - so ___ co - mo fo - gog - bra - sa - dor ___
 - É a bên - ção do Es - pi - ri - to nos enchen - do de fer - vor ___
 - Já se sen - te o per - fu - me ___ da un - ção do sal - va - dor ___



- 17
- 'Sta - mos so - bre ter - ra san - ta ___ re - ve - rên - cise mui - toç - mor ___
 - E Je - sus es - tá sal - van - do ___ a - pa - gan - do to - da dor ___
 - E a - gre - ja a - dor - na - da ___ de pu - re - zaç es - plên - dor ___



- 25
- es - ta ho - raé de - ci - si - va ___ vi - gi - lín - cise des - te - mor ___
 - no Es - pi - ri - to ba - ti - zam - do ___ pois da ví - daE - leçõ Se - nhor
 - a - guardan - doen - trar nas bo - das ___ prá rei - nar com seu Se - nhor



- 33
- Nin - guém de - têm é o - bra san - ta ___ nin - guém de - têm ___ é o - bra san - ta ___



- 41
- nem sa - tãõ oio mun - do to - do hão dea - pa - gar es - teur - dor ___



- 46
- nin - guém de - têm ___ é o - bra san - ta ___ es - tá cau - saé do Se - nhor.